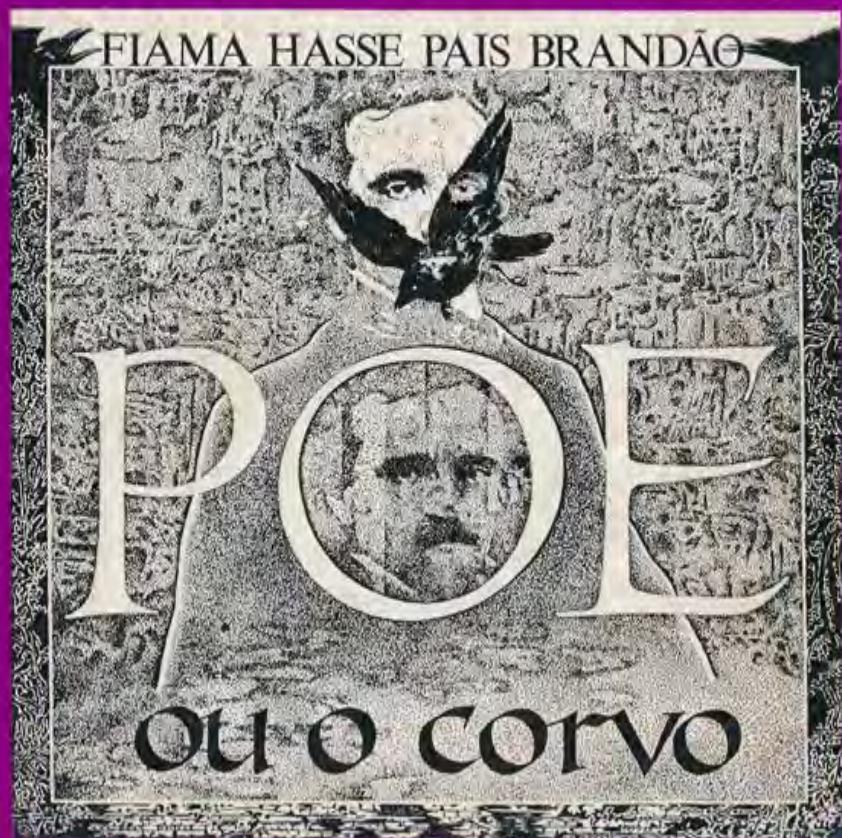


& etc



## **POE OU O CORVO**

de **Fiama Hasse Pais BRANDÃO**

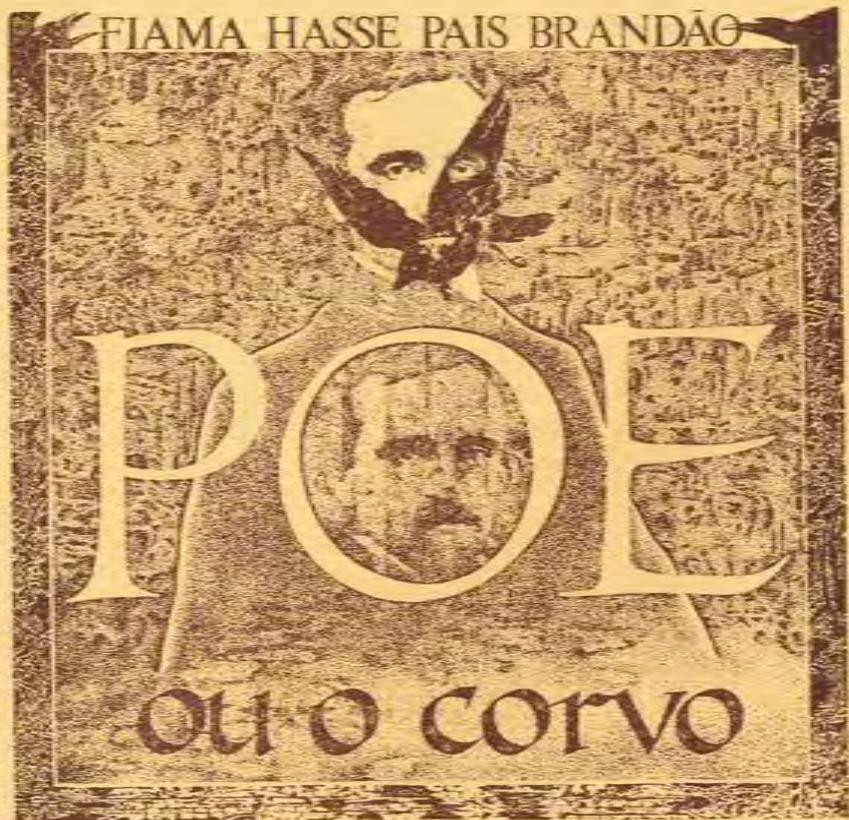
é uma edição & etc  
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.  
Rua da Emenda 30, subterrâneo 3, 1 200 Lisboa; telef. 371955

© do Autor

Capa e «hors-texte» de **Carlos Ferreira**

S-153-32

18353



FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

POE

OU O CORVO



personagens:

- Edgar - Guilherme Filipe
- Maria - W2 Fransa
- Rosália - Guis Herie
- Virginia - M. Amélia Hatta

Estreia T.M.O. no dia . S/EXP.

em meio listagem

"Autores de Gervásio"

Estreia - 22.6.84



(Sala. Espaço sobrecarregado de objectos. Um divã. Janela grande, com exterior de árvores. Ruído de pássaros e de água. Acende-se a luz; mais forte no exterior do que no interior, de início).

EDGAR (para Maria)

Tu vais deitar-te aí. Vais figurar a morte dela. É para me libertares dessa imagem.

MARIA

Não devias começar por me empurrar para outra personagem. Não sei como acabará a nossa história assim. Começa logo por não ser nossa.

EDGAR

Pode ser nossa, se a incarnares. Quantas encarnações não têm sido já feitas por outras amantes! Não sabes de quantas figuras se veste cada mulher para cada homem? Tu vais morrer mesmo, na tua figura. Deita-te. Diz: «Meu filho, tenho a respiração presa».

MARIA

Vais ver como me transformo. (Dura.) Vais matar o fantasma e a nossa própria vida.

EDGAR

Amas-me ou não?

MARIA

Amo-te. Mas não sou um retrato de corpo inteiro. Nem uma actriz. Nem uma doída. Não sou ela!

EDGAR

Isso não sabes. Se pudesse ser, és. Tu não és só uma. Ou não és igual.

MARIA

Igual a quê?

EDGAR

Às outras.

MARIA

Quais outras? As mortas? Ou as que estão aqui mais perto, as amantes que abandonaste? (Com desprezo.) Outras! Outras!

EDGAR

Outras, são as que tens mostrado em ti própria. Agora deita-te. Nem sou eu que estou em jogo. É a figura da mãe dele! É dele!

MARIA

É horrível passar assim de frase para frase, cada vez perdendo mais o sentido. Ser a tal ponto lúcido aterro-riza-me. Repara: começámos por falar de amor.

EDGAR

E continuamos.

MARIA

Não, agora era da mãe dele. Ele, quem? (Ri.) Ah, afinal é dele. Mas, a imagem é tua, já ma descreveste tantas vezes... Ao menos, a imagem é. E a morta é que é dele. (Mudando do jogo irónico para o trágico.) Mas qual? Quem? Há outra figura, aqui em redor?

## EDGAR

Maria, eu hoje peço-te para te deitares aí. Dá-me esse gesto. Para ti, não é nada. Sou eu, que te vou ver. E tentar libertar-me. Eu sou o Edgar, a quem morreu, quando era pequeno, a mãe. Começa, deste modo, o conto. Posso continuar?

## MARIA

(Deitando-se no divã, repentinamente.) Terá um preço. Tu és lúcido e eu também. Jogar com o raciocínio, jogar com as imagens, levam-nos até jogar com as personagens vivas. Estás a começar. Comigo, pelo menos.

## EDGAR

Pois, o raciocínio leva-nos a mentir... Já te tenho contado tudo, já te deitaste aí ontem, ante-ontem. Esta noite, estiveste aí, deitada e vestida, uma hora, enquanto eu fechei as cortinas, acendi as velas. O que eu pensei, agora, é chegar ao fim. Diz: «Meu filho, tenho a respiração presa».

## MARIA

Meu filho, tenho a respiração presa ao ventre.



EDGAR

Não te transformes, Maria. Não ponhas nada teu.

MARIA

Acaba!

EDGAR

«Tenho o sangue a sair dos pulmões. Tenho a boca cheia de grumos».

MARIA

É sangue coalhado. Vou tossir.

EDGAR

Não! Não te adiantes. Não consigo acompanhar-te. Tenho medo de perder-te depressa demais. Não quero perder-te como a perdi a ela. Não quero que te transformes nela.

MARIA

Mas tu sabes que um ser humano, que apreendeu tantas imagens como nós, que pensou tantos actos, é só uma pessoa e muitas, ao mesmo tempo.